

# DE QUE SAÚDE PÚBLICA ESTAMOS FALANDO? UM OLHAR SOBRE OS DISCURSOS JORNALÍSTICOS NO CORREIO BRAZILIENSE, NO ANO DE 2016.

WHAT PUBLIC HEALTH ARE WE TALKING ABOUT? A VIEW OF THE INSIGHTS OF PRESS MEDIA, CORREIO BRAZILIENSE, IN 2016.

*? DE QUÉ SISTEMA PÚBLICO DE SALUD SE ESTAN HABLANDO? UNA MIRADA TRÁS LAS NOTÍCIAS DEL PERIÓDICO DE LA CAPITAL DE BRASIL EN 2016.*

## Rianna Carvalho Moraes

- Graduada em Saúde Coletiva pela Universidade de Brasília (UnB).
- E-mail: [rianna.moraes@gmail.com](mailto:rianna.moraes@gmail.com).

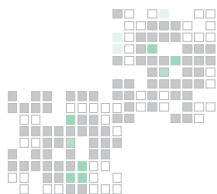
## Mariella Silva de Oliveira-Costa

- Doutora em Saúde Coletiva (Universidade de Brasília), mestre em Tocoginecologia na área de Ciências Médicas (Universidade Estadual de Campinas, 2008), especialista em jornalismo científico (Universidade Estadual de Campinas, 2006), e informação em saúde (Agência Nacional de los Informadores de Salud-Madrid, 2008), graduada em Comunicação Social - Jornalismo (Universidade Federal de Viçosa, 2005). Atualmente Jornalista e pesquisadora da Fiocruz Brasília.
- E-mail: [mariella.costa@fiocruz.br](mailto:mariella.costa@fiocruz.br).

## Ana Valéria Machado Mendonça

- Professora adjunta do Departamento de Saúde Coletiva, da Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutora em Comunicação em Saúde, pelo Centre de Recherche sur la Communication et la Santé (ComSanté), da Université du Québec à Montréal (UQAM). Possui doutorado em Ciência da Informação pela UnB, mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, especialização em Administração da Comunicação Empresarial e graduação em Jornalismo e Relações Públicas. Atualmente é coordenadora do Mestrado Profissional em Saúde Coletiva e do Núcleo de Estudos em Saúde Pública da UnB (NESP/CEAM/UnB).
- E-mail: [valeriamendonca@gmail.com](mailto:valeriamendonca@gmail.com).

326



## RESUMO

O Sistema Único de Saúde (SUS) é considerado um dos maiores sistemas público de saúde do mundo, e apesar de alguns problemas e dificuldades, oferece a todo cidadão o acesso integral, universal e gratuito a ações e serviços de saúde, desde procedimentos ambulatoriais simples até atendimentos de alta complexidade. Porém, produções midiáticas descontextualizadas podem influenciar diretamente na construção da realidade e constituição simbólica do SUS, produzindo sentidos de não pertença e não atuando no empoderamento da sociedade em relação a seus direitos. O presente estudo teve como objetivo analisar, por meio de textos produzidos e divulgados diariamente pela mídia escrita da capital do país, o conteúdo existente sobre o Sistema Único de Saúde (SUS), no ano de 2016. Para isso, analisou-se o jornal de maior circulação no Distrito Federal, Correio Braziliense (CB). Trata-se de uma pesquisa quali quantitativa de caráter documental, em que foi utilizada a Análise de Conteúdo (AC) de Bardin. Os achados apontam para o desconhecimento, por parte dos profissionais da comunicação, da abrangência e da real dimensão do Sistema Único de Saúde enquanto uma forte e importante política pública de saúde. É urgente a construção de discussões baseadas nos princípios, diretrizes, serviços, ações, propostas e estrutura do SUS a fim de engajar socialmente os usuários deste sistema.

**PALAVRAS-CHAVE:** COMUNICAÇÃO EM SAÚDE; JORNALISMO; SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE; MEIOS DE COMUNICAÇÃO.

## ABSTRACT

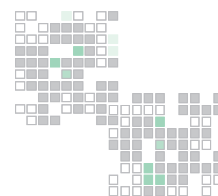
The Unified Healthcare System (SUS) is considered one of the best public health systems in the world, and despite evidencing some problems and difficulties it offers every citizen universal and free access to health actions and services from simple services, as outpatient procedures, to high complexity care. However, out of context media productions can influence the construction of reality and symbolic constitution of the SUS, not acting towards the society's empowerment about its rights. The aim of this study was to analyze, through texts produced and published daily by the written media of the Country's capital, the content about the Unified Healthcare System, in 2016. In this sense, we analyzed the newspaper with the broadest coverage in the Federal District, Correio Braziliense (CB). This is a quantitative-qualitative documentary study, using Content Analysis (AC) based on Laurence Bardin. The findings indicate to the lack of knowledge on the part of communication professionals about the scope and real dimension of the Unified Healthcare System as a strong and important public health policy. It is important to foster discussions based on this system's principles, guidelines, services, actions, proposals and structure in order to socially engage the users of the SUS.

**KEYWORDS:** COMMUNICATION IN HEALTH; JOURNALISM; UNIFIED HEALTHCARE SYSTEM; COMMUNICATION MEANS.

## RESUMEN

El Sistema Único de Salud (SUS) de Brasil es considerado uno de los mayores sistemas públicos de salud del mundo, y a pesar de algunos problemas y dificultades, ofrece a todo ciudadano el acceso integral, universal y gratuito desde procedimientos de atendimento simples hasta los de mayor complejidad. Sin embargo, el periodismo descontextualizado influye directamente en la construcción de la realidad y constitución simbólica del SUS, produciendo sentidos equivocados en la población. El presente estudio analizó los textos del principal periódico de la capital del país, el Correio Braziliense (CB), que tenían relación con el Sistema Único de Salud (SUS), publicados en el año 2016. Se trata de una investigación cualitativa documental, con Análisis de Contenido (AC) de Laurence Bardin. Los hallazgos apuntan al desconocimiento, por parte de los periodistas, del alcance y de la real dimensión del Sistema Único de Salud como una importante política pública de salud. Es urgente la construcción de discusiones basadas en los principios, directrices, servicios, acciones, propuestas y estructura del SUS a fin de comprometer socialmente a los usuarios de este sistema.

**PALABRAS CLAVE:** COMUNICACIÓN EN SALUD; PERIODISMO; SISTEMA ÚNICO DE SALUD; MEDIOS DE COMUNICACIÓN, PERIODISMO SANITARIO.



## 1. Introdução

A saúde é um tema produtor de notícias. Por se tratar de um dos principais assuntos de interesse público, tem aparecimento recorrente nas publicações veiculadas pela mídia. Mas comunicar saúde não é uma tarefa fácil já que o público se apropria e faz uso das informações difundidas, o que impacta diretamente em sua saúde. Segundo Teixeira (2004, p.615), comunicar saúde diz respeito à utilização de “estratégias de comunicação para informar e para influenciar as decisões dos indivíduos e das comunidades”. Moisés (2003), considera a comunicação em saúde uma ferramenta fundamental para o processo educativo da população, compartilhando informações e práticas capazes de contribuir para a conquista de melhores condições de vida. Já Pitta (2002, p.85), acrescenta que a “comunicação é um tema estratégico quando se trata de políticas públicas, em especial a saúde”, pois é capaz de “recolocar na esfera pública o conceito ampliado de saúde na ótica da promoção e como direito de todos os cidadãos”. Muitas vezes, a mídia é a única fonte de informação sobre saúde a qual as pessoas têm acesso, e por isso, é uma fonte importante de influência social.

A mídia impressa, portanto, tem um importante papel nas sociedades contemporâneas. Para Oliveira (2000, p.73), ela não é somente um simples instrumento de reprodução de fatos e acontecimento, mas é “responsável por forjar nossas formas de perceber o mundo e de nos relacionarmos com o cotidiano social”. Dentre as diversas ações comunicativas disponíveis e utilizadas atualmente para disseminação da informação, temos o jornalismo que, apesar do seu gradual ofuscamento pelas mídias digitais, ainda constitui um dos principais instrumentos de “construção da democracia e de conquista de direitos de cidadania” (Kucinski, 2000, p.6), foco do presente estudo.

Segundo Monteiro (2015, p.88), “ao se colo-

car como modo de representação da realidade, o jornalismo posiciona-se ao lado da verdade”, porém, o texto jornalístico utiliza de técnicas específicas para reescrever o real, nutrindo-se de critérios como atualidade, noticiabilidade e interesse público, aspectos que devem ser considerados ao passo que as informações podem ser incorporadas pelo público. De fato, o jornalismo na área da saúde pode ser uma importante e poderosa ferramenta para a mudança de hábitos e promoção de saúde da população, ao apresentar de maneira didática informações sobre o cuidado em saúde, mas também tem valor político, pois considera os cidadãos detentores do direito de acessar informações que melhor irão subsidiá-los na tomada de decisões sobre a sua própria saúde (Kucinski, 2000). Os jornalistas devem, portanto, respeitar essa autonomia dos leitores, transmitindo informações verdadeiras, acuradas e suficientes, checadas e contextualizadas com base em fontes confiáveis.

Dessa forma, torna-se essencial a criação de uma parceria da área de saúde com os meios de comunicação (Souza et.al, 2011). Kucinski (2000) ressalta ainda que o tratamento dado à informação disseminada sobre a saúde pública brasileira é urgente e complexo, principalmente ao se tratar do Sistema Único de Saúde (SUS), pois produções descontextualizadas influenciam na construção de uma imagem favorável ou desfavorável do SUS.

Instituído no Brasil por meio da Constituição Federal (CF) de 1988, para oferecer a todo cidadão acesso integral, universal e gratuito a ações e serviços de saúde, o SUS é uma conquista da sociedade civil que deu o ‘pontapé inicial’ Reforma Sanitária brasileira. De acordo com o art. 4º da Lei n. 8.080/1990 (Lei Orgânica da Saúde), o SUS engloba ações e serviços de promoção, proteção e recuperação da saúde, prestados por órgãos e instituições públicas dos Entes Federativos, de forma direta ou indireta. Considerado um dos maiores



sistemas públicos de saúde do mundo, “beneficia cerca de 180 milhões de brasileiros realizando, por ano, média de 2,8 bilhões de atendimentos, desde procedimentos ambulatoriais simples a atendimentos de alta complexidade, como transplantes de órgãos” (Fiocruz, 2017), além de ações de prevenção, promoção e vigilância em saúde. Entretanto, um dos grandes desafios do SUS está no desconhecimento sobre seu funcionamento e serviços, o que gera limitações na efetivação de suas proposições políticas tornando-o vilão da Saúde Pública (Oliveira, 2000).

As imagens e informações sobre o SUS difundidas cotidianamente pela mídia brasileira contribuem para essa desinformação, já que não se disponibiliza para a população o alcance e significado dessa política pública. Isso se torna ainda mais visível ao passo que “parte da população se considera não usuária do SUS por avaliar que não usa diretamente o atendimento e os serviços dos postos de saúde e hospitais públicos” (Machado, 2014, p.237) o que mostra a falta de conhecimento sobre as variadas dimensões do sistema.

A questão a ser enfatizada está centrada, principalmente, na frequência com que as mazelas e dificuldades do setor saúde são divulgadas pela mídia em detrimento dos avanços, conquistas e investimentos, além de a saúde ser retratada como um produto e não como um conjunto de contextos que permeiam a saúde coletiva. Segundo Menezes (2015), apesar de existirem matérias positivas, a impressão é de que o SUS não é priorizado pela mídia por ser público, reforçando o sucateamento do sistema e enaltecendo o setor privado, fazendo com que os dois pareçam antagonicos e não complementares (Oliveira, 2000).

É importante sim ressaltar os problemas a fim de angariar subsídios para a melhoria da assistência, porém é preciso analisar a situação como um todo e não se ater apenas a situações pontuais para tomada de decisões e formação de opiniões.

Analisar o que a mídia divulga, possibilita

apontar para os meios de comunicação o quanto importante é ater-se às variadas dimensões do que se divulga a fim de oferecer publicações mais verossímeis à realidade apresentada, bem como refletir sobre os sentidos da saúde que circulam na sociedade. O presente artigo teve como objetivo, portanto, analisar, o conteúdo publicado sobre o SUS, no ano de 2016, pelo jornal impresso Correio Braziliense.

O Correio Braziliense (CB) é o jornal de maior circulação e mais influente do Distrito Federal e entorno (Diários associados, 2017) e aparece em 20º lugar no ranking brasileiro (ANJ, 2015). Com triagem de 38.894 exemplares impressos, segundo a Associação Nacional de Jornais, é organizado por seções intituladas: Cidades, Política, Economia, Mundo, Esportes, Entretenimento, Ciência/Saúde, e ainda disponibiliza, aos domingos, a Revista do Correio que trata sobre assuntos diversificados. O jornal dispõe também de um site, o Correio Braziliense Digital, que publica o conteúdo integral do jornal impresso aos assinantes e parcial aos não assinantes.

## 2. Jornalismo em Saúde e a Saúde Pública

A mídia impressa tem um papel fundamental na construção de percepções, reflexões e realidades cotidianas, é também um importante veículo de informações e conhecimentos. Essas informações podem promover mudanças de comportamento essenciais para qualidade de vida da população. Uma divulgação adequada da mensagem possibilita tomada de decisões bem informadas e melhores sucedidas.

Kucinski (2000, p.182), considera o jornalismo um dos “principais instrumentos de construção da democracia e de conquista de direitos e cidadania” e ressalta que a busca pela verdade deve ter valor ético transcendental para os jornalistas. Porém, ressalta também o cuidado que deve ser tomado com o seu grau de envolvimento com as atividades comunicacionais a serem realizadas,



como as campanhas sanitárias ou preventivas, pois “podem levar à intimidade com instituições e agências de governo, à renúncia do distanciamento crítico e da capacidade de revelar e criticar políticas públicas; a trocar a lógica analítica e explicativa do bom jornalismo pela retórica da persuasão” (Kucinski, 2000, p.185).

Nesse mesmo sentido, Maliverni, Cuenca e Brigagão (2012, p.854), apontam que “o jornalismo emerge como área estratégica para a configuração mediada do espaço público, representando uma cultura de forte intervenção no cotidiano das populações, e ancorada em uma relação social”. Segundo Braga e Menezes:

*No que diz respeito à cobertura jornalística de saúde, pode-se destacar tanto assuntos relacionados ao bem-estar e à qualidade de vida, por meio do cultivo de hábitos saudáveis, como notícias acerca do Sistema Único de Saúde, que é um dos principais assuntos retratados nos noticiários de televisão, rádio, jornais impressos e outras mídias. Isso porque, além de ser um recente sistema público de saúde, diz respeito a serviços de maneira integral e gratuita à população, além das ações de saúde coletiva, como a educação em saúde, indicadores sociais, riscos de epidemias, controle das violências e demais assuntos que interferem diretamente na saúde da população (Braga; Menezes, 2014, p.34).*

Nessa ótica, Oliveira (2000) defende que as posições ético-políticas do SUS dependem fundamentalmente dos processos comunicacionais, que interferem na configuração do entendimento sobre a saúde pública brasileira pela população. Porém, ressalta o fato de “as principais imagens e informações publicamente divulgadas pela mídia sobre o SUS são mais comumente associadas às mazelas e dificuldades do setor” (Oliveira, 2000, p.72), fato esse que, segundo o autor, pode estar

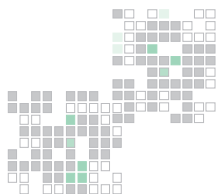
associado a tolerância e parcimônia com que é tratado o setor privado. Kuscinsky (2000) também aponta o comprometimento da mídia com o fator mercadológico em detrimento daquilo que poderia configurar um real interesse público.

Por isso, Oliveira (2011) aponta a importância do conhecimento dos jornalistas em relação ao SUS. A autora afirma que os jornalistas atuantes nos principais veículos de comunicação do estado possuem conhecimento superficial em relação ao sistema, e considera que por tratar-se de jornalistas generalistas “a comunicação feita por eles sobre o sistema público de saúde é restrita ao fato em si, sem aprofundamento e descontextualizado das propostas dos SUS, enquanto política de saúde pública” (Oliveira, 2011, p.70).

### 3. Métodos

Trata-se de um estudo quali-quantitativo, de caráter documental, que teve como objetivo buscar, na mídia escrita brasileira, textos que versam sobre o SUS a fim de identificar como é apresentado para a população brasileira. Para isso, foram utilizados todos os textos disponíveis que versam sobre o SUS, publicados Correio Brasileiro (CB) em 2016, acessíveis em formato online no acervo digital do jornal e disponibilizados pelo Observatório Saúde na Mídia, projeto vinculado à Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-DF).

Inicialmente, foram destacados todos os textos que dissertavam sobre o tema ‘saúde’. Em seguida, selecionou-se apenas os discutiam especificamente sobre o sistema público de saúde, excluindo-se da amostra os textos que versavam, por exemplo, sobre pesquisas desenvolvidas por outros países, ou aqueles que não mencionaram as ações, serviços e instituições do SUS. Ao final foram coletados 418 textos jornalísticos, que compuseram um banco de dados do Excel. Os textos referentes ao mês de agosto não foram localizados devido a problemas de ordem técnica. Cada texto foi organizado segundo título, data da publicação, cate-



gorias e subcategorias obtidas a partir da leitura flutuante de todo material. A leitura flutuante é a fase de conhecer e organizar os textos de forma não estruturada, nessa fase tem-se uma apreensão geral das ideias principais não objetivando ainda, sistematiza-las (Campos, 2004).

As informações coletadas foram analisadas à luz da Análise de Conteúdo (AC) de Bardin, com “conjunto de técnicas de análise das comunicações” para decifrar e descrever o conteúdo/significações das mensagens envolvidas em uma comunicação, com procedimentos sistemáticos e objetivos para compreender os textos para além dos significados imediatos (Bardin, 2011). A análise de conteúdo se organiza em três fases: a pré-análise que consiste na escolha dos documentos a serem analisados, formulação de hipóteses e objetivos; seguida pela exploração do material que é a fase de codificação de acordo com as regras formuladas na fase de pré-análise e, por fim, a fase de tratamento dos resultados que consiste em tornar os resultados significativos a fim de propor inferências e interpretá-los (Bardin, 2011). Para fim deste estudo, utilizou-se a técnica de Análise Categórica, que se configura no desmembramento do texto em categorias/unidades segundo tema (Bardin, 2011). Seis categorias foram destacadas a saber: **Acesso:** Barreiras de acesso organizacionais; Barreiras de disponibilidade de recursos; Barreiras Financeiras; Barreiras de acesso a medicamentos e tratamentos; Acesso realizado. **Crise da Saúde Pública no DF:** principais motivos da crise da saúde pública regional, segundo o jornal. **Gestão do SUS:** Financiamento; Modelos de Gerência; Limites da Gestão; Avanços da Gestão. **Investimentos, Avanços e conquistas do SUS:** Avanços em pesquisas; Avanços em tratamentos; Investimentos. **Opinião de usuários e profissionais a respeito do SUS. Problemas de saúde pública** e por fim, uma categoria intitulada como **Outros**, na qual foram alocados textos que tratavam sobre questões de saúde pública e que

não se encaixaram nas demais categorias.

Além das referidas codificações, observou-se também a referência ou não da expressão ‘Sistema Único de Saúde/SUS’, além de classificar, neste mesmo banco de dados, os títulos dos textos segundo engajamento, no qual a classificação ‘engajamento positivo’ refere-se aos títulos que passam imagens positivas do sistema, como o título “Saúde é prioridade”, negativo àquelas que denigrem a imagem do sistema, podendo citar como exemplo “Mais um ano difícil para a saúde” e os neutros que não denotam informações favoráveis ou desfavoráveis ao sistema, por exemplo, o texto intitulado “Saúde”.

#### 4. Resultados

A maior concentração de textos foi na editoria Cidades DF, contando com 55,74% deles, seguido pela editoria Brasil e Opinião com 17,46% e 16,02%, respectivamente.

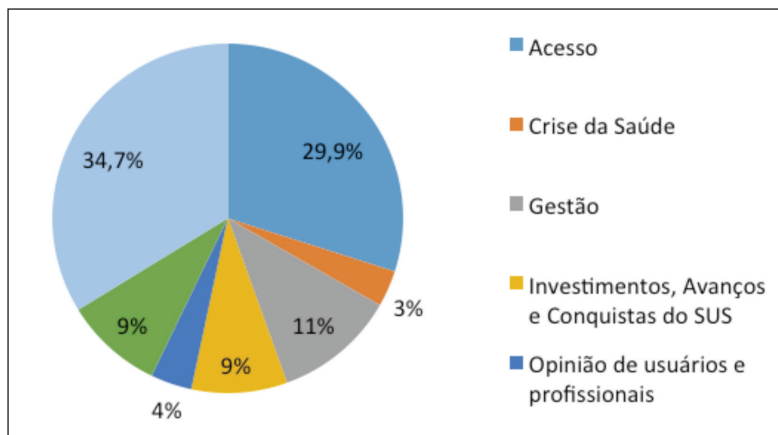
A categoria mais frequente no *corpus* é a que se refere aos problemas de saúde pública, com 33,7% dos textos, seguido pela categoria “Acesso” dos usuários ao SUS, com 29,9%, e temas referentes a gestão com 11,24% dos textos, conforme apresentado na Figura 01. O grande número de reportagens sobre problemas de saúde pública se deve, principalmente, ao pico de notícias sobre as arboviroses que resultou numa ampla cobertura midiática, com notícias sobre casos de Dengue, Zika e Chikungunya no Distrito Federal e entorno que procuram atendimento na região e no Brasil de forma geral, principalmente no primeiro semestre.

Em relação ao engajamento dos títulos, 66,02% foram classificados como negativos, 19,85% neutros e apenas 14,11% como positivos, conforme Tabela 1.

Vale ressaltar que os textos que mencionaram, de alguma maneira, as ações, serviços e instituições do SUS, apenas 12,2% fizeram referência direta ao termo ‘Sistema Único de Saúde/SUS’,



**Figura 1: Frequência de textos jornalísticos do Correio Braziliense, no ano de 2016, segundo categorias de análise**



Fonte: Próprias autoras.

conforme figura 02. Desses, nove tiveram o título classificado como ‘engajamento positivo’. A categoria que mais citou o termo foi Acesso, todavia, contou com apenas 17 textos. Em grande parte das reportagens os autores utilizam termos como ‘Governo do Distrito Federal’, ‘Executivo local’, ‘governo’, ‘Hospitais do GDF’ e Secretaria de Estado de Saúde para se referir ao sistema.

Para melhor apresentação dos resultados, optou-se pela descrição dos temas e categorias de análise individualmente, expostas a seguir.

#### 4.1 Acesso a ações e serviços do Sistema Único de Saúde (SUS)

A categoria Acesso, que conta com o total de 125 textos, fora subdividida em cinco subcategorias, a

**Tabela 1: Engajamento dos títulos dos textos segundo categorias**

Categorias	Positivo	Negativo	Neutro
Acesso ao SUS	11	97	17
Crise da Saúde Pública no DF	0	9	5
Gestão do SUS	5	20	22
Investimentos, avanços e conquistas do SUS	27	3	7
Opiniões sobre o SUS	0	15	1
Problemas de saúde pública	8	113	20
Outros	8	19	11
Total	59	276	83

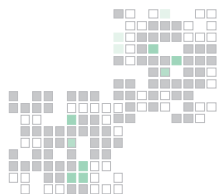
Fonte: Próprias autoras.

fim de redistribuir os conteúdos mais abordados pelo jornal. São elas: barreiras organizacionais, barreiras de disponibilidade de recursos, barreiras financeiras, barreiras de acesso a medicamentos e tratamentos, acesso efetivo e eficiente.

Para a subcategoria Barreiras de acesso organizacionais, foram localizados 28 textos, sendo 18 deles são referentes a falta de profissionais nas unidades de saúde do Distrito Federal, dos quais os médicos foram os mais citados. Segundo as reportagens do CB, a indisponibilidade de profissionais resulta principalmente na superlotação dos

serviços e consequentemente nas longas filas de espera enfrentadas pelos os usuários do sistema. As falhas nas ações de prevenção e promoção da saúde também são citadas, bem como a falta de protocolos de organização dos serviços. No que diz respeito aos títulos, apenas três eram ‘neutros’, sendo os demais classificados como ‘negativos’, podendo citar: “Hospital sem médico” (13/7), “Paralisação afeta usuários” (13/7), “Descaso no atendimento” (24/11), dentre outros títulos de conotação negativa.

A segunda subcategoria refere-se às barreiras de disponibilidade de recursos. Nela foram alocados 33 textos, sendo que em apenas dois deles encontrou-se a expressão ‘Sistema Único de Saúde’, e em seis observou-se títulos de engajamento ‘neutro’. Os demais títulos tinham engajamento negativo, como por exemplo: “Posto de saúde a anos em obra” (1/1), “Falta de leitos em hospital” (2/7), “DF perde 571 leitos” (19/9), entre outros. No que se refere ao tema, a barreira mais citada é a indisponibilidade de insumos e equipamentos, por exemplo, falta de equipamentos para realização de exames, mobília, gases para a realização de curativos e agulhas para a aplica-



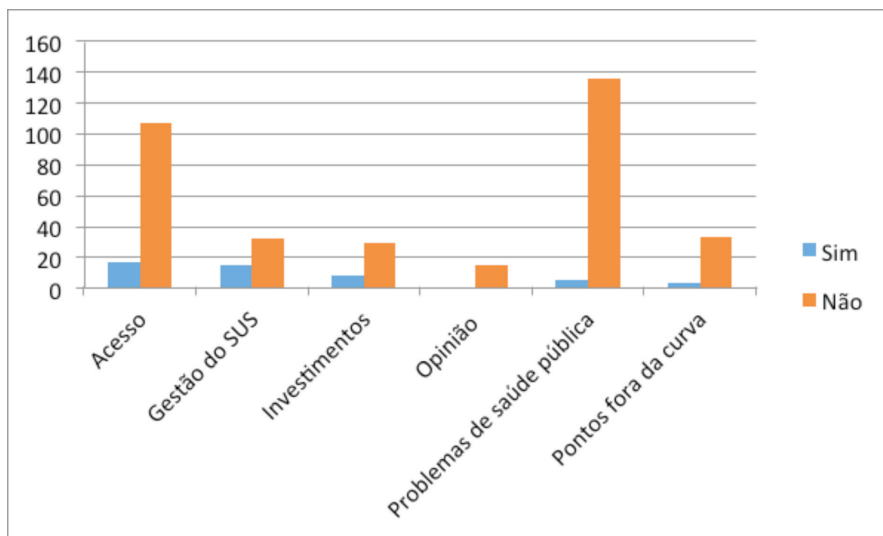
ção de injeções, seguido por falta de infraestrutura e leitos de internação. Como referência a essa questão, tem-se o texto intitulado “Calamidades dos hospitais”, que cita:

*A calamidade se observa em três aspectos. Um: a estrutura física. Sem manutenção preventiva ou corretiva, os prédios apresentam instalações elétricas, sanitárias e hidráulicas precárias. Outro: falta de material. Equipamentos médicos, mobília, laboratórios e remédios básicos não estão disponíveis [...] (Lyra, Paulo de Tarso, Calamidade dos Hospitais, Correio Braziliense, Brasília, 1 de abril de 2016. Opinião, p.12).*

No que diz respeito à subcategoria Barreiras Financeiras, foram localizados seis textos, sendo que cinco deles tinham o título com engajamento negativo e apenas um mencionava a expressão “Sistema Único de Saúde”. Para essa subcategoria, pode-se citar o exemplo da reportagem “32% das ambulâncias estão paradas”- que ressalta a falta de dinheiro para o abastecimento das frotas como o principal motivo para a indisponibilidade de ambulâncias em serviço (Augusto, Otávio. 32% das ambulâncias estão paradas, *Correio Braziliense*, 14 de outubro de 2017, Cidades, p.10).

A terceira subcategoria, que conta com a maior parte dos textos, 47 ao todo, diz respeito às barreiras de acesso a medicamentos e tratamentos. Neste caso, situações de judicialização do direito à saúde são frequentes. A palavra SUS apareceu em nove textos e em apenas dois deles o título teve engajamento positivo. A maioria dos títulos de engajamento negativo traz manchetes como: “Onde está o medicamento?” (7/9), “Doenças

**Figura 2: Menção da expressão ‘Sistema Único de Saúde/SUS’ nos textos do jornal Correio Braziliense**

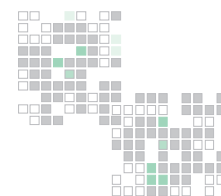


Fonte: Próprias autoras.

raras sem remédio” (21/9), “Luta por remédios e pela vida” (26/9), entre outros. Quando se trata de ‘acesso realizado’, encontrou-se o total de dez textos, sendo que nenhum citava as palavras Sistema Único de Saúde e todos tinham o título de engajamento positivo, como: “Novas unidades” (8/10), “Em dois dias, 48 mil são vacinados no DF” (22/04). Nesta subcategoria destaca-se a reportagem “Cena de cinema para transplante” que fala sobre o êxito de uma das equipes do SAMU para o transporte de uma paciente para a realização de um transplante.

#### 4.2 Gestão do SUS

Nesta categoria foram identificados 47 textos, sendo que apenas 14 deles mencionaram o Sistema Único de Saúde/SUS. Sobre o engajamento dos títulos dos textos, foram encontrados 20 títulos negativos, sendo que nove deles mencionaram a palavra SUS, 22 títulos neutros e cinco tiveram conotação positiva. No que se diz respeito aos títulos de engajamento positivo, chamou a atenção o fato de que apenas um deles citou diretamente o termo ‘Sistema Único de Saúde’. Um dado importante na pesquisa foi que muitos serviços e sistemas pertencentes ao SUS foram





tratados apenas como ‘Secretaria de Estado de Saúde do Distrito Federal’, ‘Governo do Distrito Federal’, ou até mesmo por nomes de secretários de saúde.

Sobre a subcategoria ‘Financiamento’, notou-se a predominância de textos que versam sobre a falta de verba para custeio da saúde pública do DF. O ano de 2016 foi um ano turbulento para a saúde pública na capital federal. Foi um ano marcado pelo sucateamento do SUS e a falta de verba para manter a máquina funcionando. A escassez do sistema também está diretamente relacionada à Crise que vem assombrando o DF desde o ano passado. Neste caso cita-se como exemplo a reportagem intitulada “Mais um ano difícil para a saúde”:

*O orçamento de 2016 é semelhante aos gastos totais de 2015. Contudo, é preciso cautela ao gerenciar as receitas — há déficit de R\$ 500 milhões nas finanças. O governo esbarra em dívidas de 2015 (R\$200 milhões) e de 2014 (R\$ 500 milhões). O Executivo local articula para que os deputados distritais complementem a renda com emendas parlamentares. (Augusto, Otávio. Mais um ano difícil para a saúde, *Correio Braziliense*, 01 de janeiro de 2016, Cidades, p.22).*

Na subcategoria ‘Modelos de gerência’ dos 14 textos selecionados, 13 eram sobre as Organizações Sociais (OS). Isso se deve à aposta do Executivo local de que as OS diminuiriam as dificuldades da pasta da saúde no ano de 2016. Nesta categoria apenas um texto tinha o seu título com engajamento classificado como negativo, dois como positivos e os demais como neutros. Tem-se, por exemplo, a reportagem ‘GDF insiste na contratação de OS’ que aponta:

*Modelo de organizações sociais é questionado pelo Ministério Público e enfrenta resistência da Câmara Legislativa. Ainda assim, o governo*

*garante que é a melhor solução para ampliar a atenção primária no Distrito Federal’ (GDF insiste na contratação de OS, *Correio Braziliense*, 13 de julho de 2016, Cidades, p.20).*

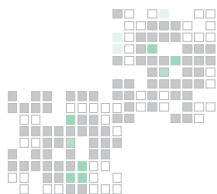
A subcategoria ‘limites da gestão’ conta com o total de 18 textos, sendo que dez deles estão localizados no Caderno de ‘Opinião’ que traz opiniões de escritores e até mesmo da própria população a respeito de determinado tema ou assuntos. Nessa subcategoria destaca-se o texto ‘Saúde na Sala de Espera’ que relata

*Por qualquer lado que se encare o problema da saúde pública no DF, o diagnóstico aponta a mesma causa: deficiência na gestão dos recursos humanos. A questão aqui não é a escassez de recursos e de espaços físicos adequados, mas de gestão de pessoas (Saúde na sala de espera, *Correio Braziliense*, 06 de janeiro de 2016, Cidades, p.22).*

Apenas três textos alimentaram a subcategoria “avanços da gestão”, dando destaque à reportagem “Gestão passa a ser descentralizada” que reflete sobre a nova organização do sistema de saúde pública na capital (Augusto, Otávio. Gestão passa a ser descentralizada, *Correio Braziliense*, 16 de janeiro de 2016, Cidades, p.22), e os outros dois abordam sobre conquistas do então novo secretário de saúde.

#### **4.3 Investimentos, avanços e conquistas do SUS.**

Para esta categoria foram localizados 37 textos que relatam investimentos, avanços e conquistas do Sistema Único de Saúde, porém, apenas oito mencionaram a expressão SUS. Os principais temas abordados foram pesquisas e testes de novos medicamentos e tratamentos realizados por instituições vinculadas ao SUS, contratação de pessoal, investimento em equipamentos e insumos e



outros. Como exemplo, tem-se o texto ‘Composto da uva trata doença de Chagas’:

*Testada em ratos, substância amenizou os efeitos da enfermidade sobre o coração. Casos de arritmia diminuíram em 35%. físicas. Cientistas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) acreditam que a substância também possa ajudar o coração de pacientes com doença de Chagas (Composto da uva trata doença de Chagas, *Correio Braziliense*, 28 de outubro de 2016, Saúde, p.16).*

#### **4.4 Opinião de usuários e profissionais de saúde SUS**

Os 16 textos foram apresentados no caderno de ‘Opinião’, sendo que 15 deles em referência a insatisfações dos usuários do sistema. A maioria critica o atendimento nos serviços de assistência à saúde, a demora para conseguir medicamentos e consultas, problemas de abastecimento e de infraestrutura. O texto ‘Campanhas e o caos na saúde’ exemplifica a reclamação desses usuários:

*A rede pública de saúde, na maioria das unidades da Federação, está sucateada. As unidades hospitalares entraram em colapso. O sistema não responde à demanda da sociedade. Faltam médicos, equipamentos, leitos, medicamentos e até lençóis nas unidades de saúde, de norte a sul do país (Campanhas e o caos na saúde, *Correio Braziliense*, 19 de novembro de 2016, Opinião, p.10).*

O único texto com a opinião sobre profissionais expôs a falta de interesse dos médicos pela atuação nas unidades do SUS. O texto intitulado ‘Sem interesse pela rede pública’ traz que

*Nem mesmo o salário inicial de R\$ 13,2 mil para 40 horas semanais de trabalho tem atraído*

*do médicos para a Secretaria de Saúde. Os graves problemas estruturais dos hospitais do governo, como a falta de insumos e medicamentos e o sucateamento dos equipamentos das unidades, afastam os novos profissionais (Sem Interesse pela Saúde Pública, *Correio Braziliense*, 26 de janeiro de 2016, Cidades, p.22).*

#### **4.5 Crise na saúde pública do DF**

Além da falta de orçamento para financiamento do sistema, outros aspectos foram considerados como componentes da crise da saúde pública que acometeu o DF no ano de 2016. Sendo assim, foram encontrados 14 textos que apontam: “malversação de recursos públicos na gestão da Secretaria da Saúde do Governo do Distrito Federal” (CPI da Saúde, CLDF, 2017) investigada pela chamada CPI da Saúde, corrupção e desvios de recursos públicos da saúde. O artigo de Opinião intitulado “Saúde” traz que a “responsabilidade pela crise na saúde no Distrito Federal pode ser dividida entre a inabilidade do Executivo em gerir o setor e a irresponsabilidade dos profissionais” de saúde (Saúde, *Correio Braziliense*, 18 de dezembro de 2016, Opinião, p.16).

#### **4.6 Problemas de saúde pública**

O ano de 2016 foi marcado não só pela intensa crise na saúde pública do DF, mas também pelo aumento dos casos de Dengue, Zika e Chikungunya. Nos meses de Janeiro (22 textos) e Fevereiro (31 textos) foram escritas reportagens diariamente sobre as doenças supracitadas e seus agravos, destacando-se de casos de microcefalia em crianças devido ao vírus da Zika, como na reportagem “Brasil tem 1.709 casos confirmados de microcefalia, 267 devido ao zika”:

*O Brasil tem 1.709 casos confirmados de microcefalia, segundo boletim divulgado ontem pelo Ministério da Saúde. Destes, 267 tiveram*



*confirmação em laboratório para zika. O governo considera que houve infecção pelo vírus na maior parte das gestantes que tiveram bebês com a má-formação. (Brasil tem 1.709 casos confirmados de microcefalia, 267 devido ao zika, Correio Braziliense, Brasília, 21 de julho de 2016. Cidades, p.22).*

Foram reportados também casos de óbitos decorrentes de complicações das doenças. A preocupação eminente com o avanço de casos foi explícita em todos os textos jornalísticos, como na reportagem intitulada 'Avanço da dengue preocupa o governo' veiculada no dia 17 de outubro: "Número crescente de casos de doenças transmitidas pelo Aedes leva o GDF a antecipar as ações para 2017, incluindo mais verba" (Augusto, Otávio. Avanço da dengue preocupa o governo, *Correio Braziliense*, Brasília, 17 de outubro de 2016, Cidades, p.19).

Muitos textos dessa categoria faziam referência ao cenário nacional que também sofria com as epidemias, conforme exemplo:

*O último boletim epidemiológico do Ministério da Saúde mostrou que caiu de 1,5 milhão para 1,4 milhão o número de casos de dengue no país, em setembro. Segundo informes da pasta, no primeiro semestre deste ano, 138 mil pessoas foram infectadas pela chikungunya, das quais 17 morreram, e 166 mil tiveram febre pelo vírus zika. O mosquito Aedes aegypti é o vetor de todas essas doenças (Meireles, Leonardo. Prevenir é indispensável. *Correio Braziliense*, Brasília, 20 de outubro de 2016, Opinião, p.14).*

Além do vírus da Dengue, Zika e Chikungunya, outros agravos e doenças estiveram presentes nas manchetes dos exemplares do Correio Braziliense. Essas reportagens foram selecionadas, pois citavam o SUS já que eram relacionadas com a

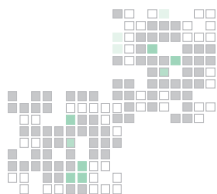
sobrecarga do sistema, falta de profissionais e até mesmo de infraestrutura, ações de prevenção e combate da Secretaria de Saúde e outros. Dentre as mais citadas estão: o câncer, o vírus da gripe H1N1, a tuberculose, a caxumba, meningite, sífilis e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis. Pôde-se perceber que as doenças transmissíveis são mencionadas somente quando há um crescimento abrupto do número de casos, como é na epidemia da sífilis e de sífilis congênita no DF. No Brasil, em 2016, o ressurgimento de casos de tuberculose e caxumba tidas como 'doenças do passado' e ainda o aumento de pessoas diagnosticadas portando o vírus H1N1.

Há também um aumento do número de reportagens nos meses que são tidos como mês de prevenção e combate de determinado agravo de saúde, a exemplo do mês de outubro com a campanha de conscientização do câncer de mama, que configura o Outubro Rosa, bem como o Dezembro Vermelho que tem por objetivo a mobilização para o enfrentamento do HIV/Aids.

## 5. Discussão

A perspectiva da abrangência, limites, burocracias, avanços, investimentos e conquistas do SUS são influenciados pelo modo com que compreendemos, vivenciamos e comungamos do sistema. E isso se relaciona ao que é posto pela mídia, pois esta é capaz de influenciar opiniões, formar ideias e preconceitos, construir e transformar realidades e percepções. De acordo com Machado (2014, p.242), "a mídia não exatamente transmite o que ocorre na realidade social, mas impõe representações do espaço público que constrói", por isso, é importante projetar um olhar mais crítico ao que é exposto nas matérias jornalísticas, a fim de filtrar informações mais pertinentes para construção de nossas perspectivas.

De fato, o SUS tem sofrido com a insuficiência de recursos, problemas de gestão e com a falta de comprometimento e profissionalização dos



profissionais de saúde, o que acaba comprometendo “a reputação do SUS perante os cidadãos e a expectativa dos servidores públicos enquanto trabalhadores” (Paim; Teixeira, 2007, p.1820), porém, ater-se apenas as mazelas em detrimento da real dimensão do sistema parece um importante objeto a ser analisado.

A maioria das matérias jornalísticas que apresentam o SUS no jornal *Correio Braziliense*, em 2016, possuem títulos, manchetes e até mesmo textos inteiros de cunho predominantemente negativo, com foco nos problemas e dificuldades do setor, depreciando sua imagem e levando a uma construção de “ordem simbólica pouco reflexiva sobre o campo da política de saúde representada pelo SUS” (Oliveira, 2000, p.72). Tem-se ainda, a desvalorização de algumas ações e serviços que compõem o sistema, como: a vigilância sanitária, vigilância epidemiológica, trabalhos de prevenção como as campanhas de imunização e combate de insetos transmissores de doenças, ações de promoção da saúde como campanhas sobre o aleitamento materno e Pontos de Encontro Comunitários (PECs), ou até mesmo procedimentos de alta complexidade e “programas de tratamento e prevenção conhecidos internacionalmente”, como o transplante de órgãos e o programa de combate ao HIV/Aids (Machado, 2014, p.241).

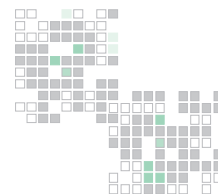
Nem todos os usuários do SUS sabem que os Agentes Comunitários de Combate às Endemias (ACE) que realizam visitas domiciliares, indo de casa em casa fazer vistoria em ambientes e dar dicas de prevenção são atores do SUS, ou que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), é uma autarquia que compõe o sistema e que faz o todo o controle sanitário da produção e do consumo de serviços e produtos, como o registro de alimentos, medicamentos, produtos para a saúde e vários outros serviços que permeiam o cotidiano de todos os brasileiros. Mesmo após mais de 25 anos de SUS, o usuário ainda não entende a abrangência dessa política pública, já

que para grande parte dos usuários o sistema se limita a serviços hospitalares e de assistência farmacêutica.

O que temos é uma grande onda de desinformação e de informações selecionadas que causam o desconhecimento da grandiosidade do SUS e principalmente o desconhecimento, por parte dos cidadãos, de seus direitos. O SUS vem sendo visto apenas por seus serviços assistenciais, serviços esses que, em sua maioria, são descritos como ruins nas matérias jornalísticas. Para Menezes (2014), as notícias sobre saúde são produzidas de maneira a envolver emocionalmente o público leitor, pretendendo que haja maior venda de exemplares do jornal, independentemente da qualidade da informação. Para isso utiliza-se de exemplos pontuais e individuais para caracterizar todo o sistema.

Outro ponto que chama a atenção, e que se relaciona ao desconhecimento do sistema pelos brasileiros, é a não utilização da nomenclatura ‘Sistema Único de Saúde’ ou da sigla ‘SUS’ nos textos jornalísticos que tratam sobre os serviços públicos de saúde. Ou pior, os textos que citam a sigla tendem a desvalorizar a imagem do sistema, trazendo em seus títulos e manchetes palavras, expressões ou frases de sentido pejorativo. Tem-se, portanto, o problema da divulgação incoerente da imagem negativa do SUS, que em muitas vezes, diverge da opinião dos usuários, conforme o divulgado pela Pesquisa Nacional de Saúde (IBGE, 2013), que de acordo com os seus resultados todos os serviços de saúde do SUS obtiveram avaliações médias acima de 70, com escala variando de 20 (muito ruim) a 100 (muito bom) (Abrasco, 2015).

Pesa também, o fato de que há uma tendência de conferir créditos ao governo pelos sucessos do SUS, ou até mesmo “entregar” à administração pública suas instituições e ações, mesmo tendo em vista o fato de que o SUS é um sistema que permanece independente de qualquer governo,



conforme se pode notar em expressões do tipo: “Hospitais do governo, GDF pretende vacinar...”, e os insucessos do sistema são descritos diretamente vinculados a sua nomenclatura. Ao analisar as notícias divulgadas pelo jornal sobre a entrada de Organizações Sociais na gestão do sistema, essa utilização do poder político para manipular a opinião pública foi aparente. Os títulos, subtítulos e até mesmo os textos da maioria das notícias apresentadas (Tabela 02) podem enviesar o entendimento do leitor em relação ao real sentido das Organizações Sociais (OS) e como elas atuariam no Sistema Único de Saúde, já que é reforçada a ideia de que as OS é a “saída encontrada pelo Executivo para gerir o setor de forma mais eficiente e econômica” (Augusto, Otávio. GDF quer mudar lei das OSs, *Correio Braziliense*, Brasília, 29 de junho de 2016, Cidades, p.23).

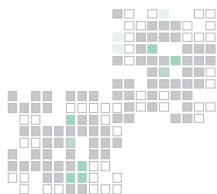
Em contrapartida, o jornalismo “é um dos principais instrumentos de construção da democracia e de conquista de direitos de cidadania” (Kucinski, 2000), e ainda um espaço para comunicar saúde. Apesar de matérias relacionadas à promoção da saúde e prevenção de doenças aparecerem em sua maioria, em épocas pontuais, principalmente naqueles meses destinados a promoção de variados tipos de ações para combate de alguns tipos de doença, os jornais têm trazido elementos informativos relevantes aos seus leitores, principalmente no que se diz respeito à campanhas publicitárias de cunho preventivo “uma vez que a comunicação configurou-se como parceira do público na prevenção dos males que possam afetar a sociedade” (Vasconcelos, et al. 2016, p.4). Porém, muitas vezes essa ênfase dada à prevenção de males e ao combate de epidemias, apesar de útil e necessário, acabam deixando de “procurar a melhoria da qualidade geral de vida da população” (Kucinski, 2000, p.183). Ou seja, o jornal acaba não sendo um espaço contínuo para promoção da saúde.

O “boom” de notícias sobre as principais

doenças decorrentes de infecções ocasionadas por picadas de mosquitos *Aedes Aegypti* no primeiro semestre de 2016 e o abrupto surgimento de demasiadas notícias sobre o aumento de casos de H1N1, sífilis, caxumba e tuberculose no DF e no Brasil, podem representar essa fragilidade do jornalismo em saúde. Isso porque, muitas vezes, ao invés de propagar notícias que informam, educam e que conseqüentemente propõe para a população a percepção da necessidade de mudanças de hábitos, propagam o medo e o pânico, fazendo existir realidades epidêmicas muitas vezes não reais, logo a repercussão que os sentidos midiáticos têm no cotidiano das pessoas “e seus impactos sobre o sistema público de saúde, demandam uma discussão crítica sobre o papel do jornalismo generalista no campo da saúde” (Malinverni, et. al. 2012, p.868).

Atentaremos também nossos olhares aos interesses explícitos ou implícitos das fontes. Muitas vezes o privado é melhor descrito nos textos do que o público, fazendo com que a imagem do SUS seja subjugada em detrimento, por exemplo, dos planos/seguros de saúde, como se pode perceber nas chamadas “Para viver uma vida de saúde, venha para a Amil” (*Correio Braziliense*, 23 de outubro de 2016) e “Brasileiros elogiam qualidade da Geap” (*Correio Braziliense*, 16 de outubro de 2016). Ressalta-se ainda que, “tudo o que é publicado passa pela aprovação da empresa jornalística” (Machado, 2014, p.246) e que, portanto, nem sempre o que é enviado é de fato aceito para publicação.

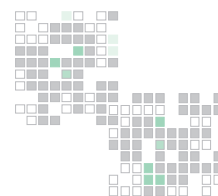
Os achados confirmam que o jornal, no período analisado, pautou o SUS em torno daquilo que julga melhor traduzir os sentimentos da população, denunciando descasos e mazelas e destacando problemas e ameaças a saúde individual ou coletiva de seus leitores (Oliveira, 2014). O jornal é um espaço de importante disseminação de informações e práticas, porém, seu discurso ainda está muito voltado a ‘medicalização dos



**Tabela 2: Dados, títulos e trechos de reportagens do Jornal Correio Braziliense sobre Organizações Sociais, em 2016**

Data	Título	Trecho
04/01/2016	Nova gestão para hospitais	“O governo aposta em organizações sociais para melhorar o setor, que passou 2015 em caos, com falta de remédios, aparelhos e pessoa.”
05/01/2016	Saúde	“O primeiro passo, antes de trocar a forma de administração, é definir o modelo de atenção à saúde.”
12/06/2016	“Não dá para fazer mais do mesmo”	“Sem recursos para investir e com dificuldade de contratação, secretário de Saúde só vê uma saída: a reformulação do modelo de gestão”
29/06/2016	GDF quer mudar lei das OSs	O governador enviou à Câmara Legislativa projeto que prevê alterações nas regras para atuação das Organizações Sociais— saída encontrada pelo Executivo para gerir o setor de forma mais eficiente e econômica. A ideia é que elas comecem a funcionar em agosto.
12/07/2016	A saúde que interessa	“O Palácio do Buriti encaminhou para a apreciação dos deputados distritais o projeto que regulamenta as Organizações Sociais (OSs), com a finalidade de melhorar a atenção primária da saúde.”
13/07/2016	GDF insiste na contratação de OS.	“Modelo de organizações sociais é questionado pelo Ministério Público e enfrenta resistência da Câmara Legislativa. Ainda assim, o governo garante que é a melhor solução para ampliar a atenção primária no Distrito Federal”
22/09/2016	TCU facilita contratos com OS	“Tribunal de Contas da União define que gastos com despesa de pessoal de contratos com organizações sociais não devem entrar nas despesas comuns. Decisão beneficia projeto do Governo do Distrito Federal”
25/09/2016	Decisão articulada	(...) “Ele trabalhou pessoalmente na defesa da tese de que contrato de gestão com OS não entra nos limites estabelecidos pela Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF) com as folhas de pagamento.”
09/10/2016	Debate, experiência de gestão da saúde com OSs	“O tema é a gestão da saúde por meio de Organizações Sociais, que desperta tanta polêmica no DF. Será uma boa oportunidade de debate. Numa das mesas, serão apresentadas experiências no Rio de Janeiro, Brasília, São Paulo e em Goiânia.”
10/10/2016	“Êxitos de OSs em debate”	“O Instituto Brasileiro de Direito Público (IDP) promove hoje seminário para debater gestões da saúde por meio de Organizações Sociais.”
11/10/2016	Falha na qualificação de organizações sociais	Exigência de visitas técnicas para certificar OSs que assumam a administração de unidades de saúde do Distrito Federal é um dos principais entraves ao modelo de gestão. Para superá-lo, o governo quer acabar com essa regra e, assim, acelerar o processo
08/12/2016	Implantação das OSs sofre dupla derrota	Os parlamentares aprovaram projeto que veta a gestão ou a prestação de serviços de Organizações Sociais (OSs) na capital.
16/12/2016	Saúde (Opinião)	O custo que será cobrado pela OS não deveria ser investimento na rede pública? Será que o poder público local não conta com nenhum administrador competente e eficiente para gerir a rede de saúde?

Fonte: Próprias autoras.



problemas de saúde, e ao modelo biomédico de assistência à saúde.

## 6. Considerações finais

A imprensa tem um papel fundamental na construção de percepções, reflexões e realidades cotidianas, e é também um importante veículo de informações e conhecimentos. Por isso, é indispensável que suas publicações sejam analisadas e monitoradas.

O tema saúde tem tomado um amplo espaço nos debates das coberturas jornalísticas, por se tratar de um assunto inerente às necessidades humanas e ainda por ser um direito conquistado e assegurado na Constituição Federal Brasileira. Porém, quando o assunto é o SUS, potente ferramenta para integrar a busca pela garantia desse direito, percebe-se nos textos pouca apropriação dos jornalistas do jornal analisado sobre as peculiaridades e abrangências deste sistema. A produção de notícias que desqualificam o SUS, não promove o conhecimento do Sistema de maneira crítica e contextualizada, desvalorizando suas reais abrangências.

A efetivação do SUS e de seus princípios e diretrizes dependem de seu conhecimento por parte da população o que certamente envolve proces-

so comunicacionais, por isso, é urgente a preocupação de que os jornalistas, como formadores de opiniões e percepções, tenham um olhar mais amplo sobre o Sistema Único de Saúde enquanto uma política pública de saúde e direito de todo cidadão brasileiro, e ainda que aproveitem o privilégio de estarem tão próximos da população para divulgar, com mais frequência, os triunfos e conquistas do sistema. Não se trata de esconder as mazelas do SUS, mas apostar em coberturas mais amplas, que apresentem também os avanços e inovações da saúde pública nacional.

A valorização do SUS como política de Estado, por meio de estratégias de comunicação é uma das diretrizes, definidas pelo Conselho Nacional de Saúde, que compõe um dos eixos temáticos do Plano Nacional de Saúde 2016-2019, base norteadora de todas as atividades e programação de cada nível de direção do SUS (Brasil, 2016). Sendo assim, a expectativa é de que a mídia seja aliada no engajamento e consequente apropriação dos usuários ao sistema público de saúde e parceira na luta pela garantia dos direitos da população, e que, portanto, não continue reproduzindo apenas discursos que revelam os problemas e dificuldades do SUS, e sim as mudanças que ele pode provocar no cenário social brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRASCO, *Imagem negativa do SUS não está de acordo com avaliação do usuário*. Disponível em: <<https://www.abrasco.org.br/site/noticias/saude-dapopulacao/pesquisa-mostra-que-a-imagem-negativa-do-sus-nao-esta-de-acordo-com-avaliacao-do-usuario/13554/>>. Acesso em: 3 mai. 2017.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS, 2015. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>> Acesso em: 10 de abril de 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo/Laurence Bardin*; Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições, v. 70, 2011.

BRAGA, Claudomilson Fernandes; MENEZES, Kalyne. As imagens

do SUS na mídia impressa: um estudo dos jornais o popular, diário da manhã e hoje. *Travessias*, v. 8, n. 2, 2014.

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL, *CPI da Saúde 2016*. Disponível em: <<https://www.cl.df.gov.br/cpi-da-saude-2016>>. Acesso em: Abril de 2016.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev. bras. enferm.*, Brasília, v. 57, n. 5, p.611-614, Oct. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672004000500019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 nov. 2017.

CONASS. Financiamento. In: *CONASS, para entender a gestão do*

SUS: *A gestão do SUS*, 2015, p.87-119.

CONASS. Modelos de gerência. In: CONASS, *para entender a gestão do SUS: Alternativas de gerência de unidades públicas de saúde*, 1ª edição, 2015, p.13-15.

DA SILVA, Silvio Eder Dias et al. O processo das representações sociais na mídia impressa: a bebida alcoólica, o alcoolismo e o leitor em foco. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*, v. 6, n. 3, p.201-215, 2012.

GOMES, Emiliania Sofia. Jornalismo de Saúde: Prevenir ou Remediar? *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 9, n. 2, p.340-353, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p340/23350>> Acesso em: 2 nov. 2017.

HERZLICH, Claudine; PIERRET, Janine. Uma doença no espaço público, a AIDS em seis jornais franceses. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.7-35, 1992. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73311992000100001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311992000100001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 nov. 2017.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, saúde e cidadania. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 1, n. 1, p.209-212, Aug. 1997.

MACHADO, Izamara Bastos; SACRAMENTO, Igor. Percepções sobre o SUS: o que a mídia mostra e o relevado em pesquisa. In: LENER, Katia; SACRAMENTO, Igor (Org.). *Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas*. Fiocruz, 2014. p.235-250.

MALINVERNI, Cláudia et al. Epidemia midiática: produção de sentidos e configuração social da febre amarela na cobertura jornalística, 2007-2008. *Physis*, v. 22, n. 3, p.853-872, 2012.

MENEZES, Kalyne. As representações do SUS na mídia. In: BRAGA, Claudomilson Fernandes; CIRINO, José Antônio Ferreira. *Representações Sociais & Comunicação: diálogos em construção*. UFG/FIC/PPGCOM, 2015, p.117-134.

MONTEIRO, Patrícia; MENDES, Luís Augusto. As 'medidas' da saúde midiática: jornalismo e cidadania no Fantástico. **ÂNCORA-Revista Latino-americana de Jornalismo**, v. 2, n. 2, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/ancora/article/view/25959>> Acesso em: 2 nov. 2017.

OLIVEIRA, Valdir de Castro. A comunicação midiática e o Sistema

Único de Saúde. *Interface comun. saúde educ*, v. 4, n. 7, p.71-80, 2000.

PAIM, Jairnilson Silva; TEIXEIRA, Carmen Fontes de Souza. Configuração institucional e gestão do Sistema Único de Saúde: problemas e desafios. 2007.

PESSONI, Arquimedes. Comunicação para a Saúde: estado da arte da produção norte-americana. *Comunicação & Inovação*, v. 8, n. 14, 2010. Disponível em: <[http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista\\_comunicacao\\_inovacao/article/view/675/52](http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/675/52)>. Acesso em: 30 out. 2017.

PITTA, Aurea da Rocha. Por uma política pública de comunicação em saúde. *Saude soc.*, São Paulo, v. 11, n. 1, p.85-93, July 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-12902002000100009&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902002000100009&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 5 nov. 2017.

SANCHEZ, Raquel Maia; CICONELLI, Rozana Mesquita. Conceitos de acesso à saúde. *Rev Panam Salud Publica*, v. 31, n.3, 2012.

SANTIAGO, Anna Margarida Vicente. Análise da imprensa escrita sobre o SUS no sistema municipal de saúde de Fortaleza entre 2005 e 2008. Fortaleza, 2010. Tese de Doutorado. Disponível em: <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6733>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

SILVA, Gabriela Martins; RASERA, Emerson Fernando. A Desqualificação do SUS na Folha de São Paulo: Construção Discursiva de Gestores e Usuários. *Psico*, v. 44, n. 1, 2012.

SOUZA, Fernanda Mattos et al. Sistema Único de Saúde (SUS): limites, possibilidades e interesses revelados pela mídia capixaba. *Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research*, v. 13, n. 1, 2011.

TRAVASSOS, Claudia; CASTRO, Mônica Silva Monteiro. Determinantes e desigualdades sociais no acesso e na utilização de serviços de saúde. In: GIOVANELLA, Lígia et al. *Políticas e sistema de saúde no Brasil*. SciELO - Editora FIOCRUZ, 2012, p.183- 203.

VASCONCELOS, Wagner Robson Manso; OLIVEIRA-COSTA, Mariella Silva; MENDONÇA, Ana Valéria Machado. Promoção ou prevenção? Análise das estratégias de comunicação do Ministério da Saúde no Brasil de 2006 a 2013. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde*, v. 10, n. 2, 2016.

